



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



**CULTURA
ACADÊMICA**
Editora

Alfabetização e Letramento do Aluno Autista à Luz da Teoria Histórico Cultural

Davi Milan
Lucas Ferreira Rodrigues
Sirley Leite Freitas

Como citar: MILAN, Davi; RODRIGUES, Lucas Ferreira, FREITAS, Sirley Leite. Alfabetização e Letramento do Aluno Autista à Luz da Teoria Histórico Cultural. In: BERSI, Rodrigo Martins; MIGUEL, José Carlos (org.). **Pesquisas em Educação:** contribuições de egressos do PPGE. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2025. p. 93-119. DOI: <https://doi.org/10.36311/2025.978-65-5954-603-9.p93-119>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Alfabetização e Letramento do Aluno Autista à Luz da Teoria Histórico Cultural

*Davi MILAN*²⁹

*Lucas Ferreira RODRIGUES*³⁰

*Sirley Leite FREITAS*³¹

Introdução

Neste estudo, propomos uma análise aprofundada sobre a alfabetização e letramento de alunos autistas, explorando os fundamentos da teoria Histórico-Cultural, considerando que essa abordagem teórica oferece uma perspectiva singular sobre o processo de aprendizagem, destacando a importância das interações sociais e do contexto cultural na formação do conhecimento. Nesse viés, buscaremos compreender como essa teoria pode ser aplicada de maneira específica no contexto da educação básica, mais precisamente no Ensino Fundamental I, no qual as bases fundamentais da alfabetização e letramento são estabelecidas.

Ao abordar a alfabetização e letramento de alunos autistas sob a luz da teoria Histórico-cultural, buscamos não apenas compreender os desafios enfrentados por esses alunos, mas também identificar estratégias educacionais

²⁹ Mestrando em Educação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/ Campus Marília. Docente na Univesp (Universidade Virtual do Estado de São Paulo), atuando como orientador de projetos e docente na educação Básica na SEDUC em Quintana-SP. E-mail: davi.milan@unesp.br

³⁰ Mestre pela Universidade Federal do Pará – UFPA E-mail: elucasfrodrigues@gmail.com

³¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/ Campus Marília. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar, Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEEProf) da Universidade Federal de Rondônia – UNIR e do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Rondônia - IFRO. E-mail: sirley.freitas@ifro.edu.br

que possam ser eficazes na promoção de um ambiente inclusivo e propício ao desenvolvimento dessas habilidades.

Assim, a discussão proposta visa contribuir para a reflexão crítica sobre as práticas educativas voltadas para alunos autistas, oferecendo observações valiosas que podem orientar educadores, pesquisadores e profissionais envolvidos nesse processo. Entendemos que a maneira distinta do aluno autista em aprender tem suas concepções por falta de compreensão da metodologia utilizada ou por questão biológicas ou cognitivas, muitas vezes oriundas de fatores sociais e emocionais, dificultando um diagnóstico e intervenção precisa por parte dos docentes e equipe multidisciplinar.

Dentre as características do autismo, nos apoiamos em pesquisas que serviram de base para este estudo, a qual destaca Kanner (2006, p.47), ao afirmar que dentre elas, é possível perceber maneirismos motores estereotipados, resistência à mudança ou insistência na monotonia, bem como aspectos não-usuais das habilidades de comunicação da criança, tais como a inversão dos pronomes e a tendência ao eco na linguagem (ecolalia), dentre outros.

A pesquisa faz uso de uma abordagem Histórico e cultural, tratando o homem como partícipe do processo cultural, social e biológico. Nesse processo, a escola é o local onde encontra-se as vivências e aprendizado socialmente privilegiados para o pleno desenvolvimento cognitivo do indivíduo (Vygotsky, 2007).

A visão histórico-cultural de Vigotsky baseia-se na participação do outro na formação do sujeito em sua relação com o mundo. Assim, nenhum indivíduo deve ser excluído de interações sociais, sendo o ambiente que favorece tais relações o mais benéfico, independentemente de deficiências que o sujeito possa ter.

Quando tratamos do termo alfabetização, Colello (2004) enfatiza que esse termo está longe de ser a apropriação de um código, envolve um complexo processo de elaboração de hipóteses sobre a representação linguística, igualmente férteis na compreensão da dimensão sócio-cultural da língua escrita e de seu aprendizado.

A alfabetização e letramento do aluno autista à luz da teoria Histórico-cultural proporcionam concepções profundas e de extrema relevância. Estas não só guiam o progresso coletivo da escola, dos educadores e dos estudantes

na mesma trajetória, mas também oferecem um arcabouço teórico valioso para compreender como as experiências e aprendizados socialmente construídos podem promover o desenvolvimento de percepções cognitivas adequadas no indivíduo com Transtorno do Espectro Autista (TEA). (Colello, 2004)

Ao explorar os fundamentos dessa teoria no contexto da alfabetização e letramento, almejamos não apenas uma compreensão mais profunda dos desafios enfrentados pelos alunos autistas, mas também a identificação de estratégias eficazes que possam ser aplicadas para otimizar o processo de aprendizagem, favorecendo a inclusão e a participação plena na vida acadêmica e social.

Colello (2004) postula em seu estudo que a inclusão das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no universo da alfabetização e letramento desempenha um papel crucial na formação de professores mais capacitados para a prática educativa inclusiva. Além disso, contribui significativamente para a construção de um ambiente escolar que não apenas reconhece, mas também valoriza a diversidade linguística, promovendo, assim, o acesso igualitário à educação. Esses resultados ressaltam a importância de estratégias pedagógicas inclusivas e sensíveis às necessidades específicas dos alunos com TEA, enfatizando a necessidade de um ambiente educacional que estimule a participação ativa e o pleno desenvolvimento de cada indivíduo.

Desta feita, partindo da questão problematizadora: “Qual o impacto potencial da aplicação da teoria histórico-cultural na prática de alfabetização de alunos autistas, considerando as características específicas desse grupo e as perspectivas oferecidas por essa abordagem teórica no contexto educacional?”, o objetivo deste capítulo é o de investigar a alfabetização, o letramento e aprendizagem de alunos autistas, explorando a influência e as possíveis contribuições da teoria Histórico-cultural, em vista de uma compreensão aprofundada dos processos educacionais e a identificação de estratégias eficazes no contexto da educação inclusiva. Para tanto adotamos a pesquisa bibliográfica como meio de coleta de dados.

Considerações sobre Alfabetização e Letramento

Apresentar uma fundamentação teórica sobre alfabetização e letramento é fundamental para embasar e enriquecer um estudo ou abordagem educacional, visto que essa base teórica serve como alicerce para que possamos

compreender os princípios, conceitos e contextos que permeiam o processo de alfabetização e letramento, oferecendo uma estrutura conceitual significativa para a análise e desenvolvimento de práticas pedagógicas. Dentre as principais características desempenhadas por essa abordagem, podemos citar que as mesmas embasam as decisões educacionais, orienta a prática pedagógica, promove reflexão e análise crítica, facilita a compreensão do contexto, dentre outros aspectos que serão discutidos de forma mais detalhada a seguir.

A Lei nº 11.274/2006 (Brasil, 2006), que promoveu alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (Brasil, 1996), desempenhou um papel significativo ao estender a duração do Ensino Fundamental de oito para nove anos. Uma das mudanças mais marcantes nela observada, foi a obrigatoriedade da matrícula de crianças a partir dos seis anos, antecipando, assim, o ingresso no ciclo de alfabetização.

Essa medida representou uma reconfiguração estratégica no sistema educacional brasileiro, reconhecendo a importância de iniciar o processo de aprendizagem formal mais cedo, aprimorando as bases da alfabetização e promovendo uma transição suave para o Ensino Fundamental. Essa antecipação no ciclo de alfabetização busca não apenas cumprir as demandas legais, mas também otimizar as oportunidades de desenvolvimento cognitivo e acadêmico das crianças, fortalecendo as habilidades fundamentais de leitura e escrita desde os estágios iniciais da educação formal.

Conforme é orientado pelo Ministério da Educação no Brasil (MEC), com relação a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), é nos anos iniciais do ensino fundamental (1º e 2º anos) que se espera que a criança esteja alfabetizada, apesar de desde o nascimento e na educação infantil a criança participar de inúmeras atividades letradas, principalmente através da oralidade. (Brasil, 2010)

Para Soares e Batista (2005), o conceito de alfabetização consiste em um processo permanente que se estende por toda a vida, não se esgotando apenas na aprendizagem da leitura e escrita. A autora destaca que a alfabetização transcende a aquisição das habilidades básicas de decodificação de palavras, envolvendo também a compreensão crítica e reflexiva do contexto em que a leitura e a escrita ocorrem. Além disso, enfatiza a necessidade de considerar a alfabetização como um processo dinâmico e contextualizado,

integrando-se às práticas sociais, culturais e tecnológicas ao longo do tempo. Essa abordagem ampliada do conceito de alfabetização propõe uma visão mais abrangente e holística, alinhada com as exigências contemporâneas de uma sociedade cada vez mais complexa e interconectada.

Em relação a alfabetização e letramento, Luria afirma: “O sujeito se relaciona com coisas escritas sem compreender o significado da escrita, ou seja, ainda não entende a escrita como leitura em si” (Luria, 1988, p. 181).

Alfabetizar é dar condições para que o indivíduo- criança ou adulto - tenha acesso ao mundo da escrita, tornando-se capaz não só de ler e escrever, enquanto habilidades de decodificação e codificação do sistema da escrita, mas, e, sobretudo, de fazer uso real e adequado da escrita com todas as funções que ela tem em nossa sociedade e também como instrumento na luta pela conquista da cidadania plena (Soares, 1998, p.33).

Nesse sentido, a autora define que o objetivo educacional vai além de simplesmente ensinar a ler e escrever, abrangendo o desenvolvimento de habilidades de decodificação e codificação do sistema da escrita. No entanto, o foco principal é capacitar o indivíduo a utilizar a escrita de maneira eficaz e apropriada, reconhecendo todas as suas funções na sociedade. Sendo assim, a alfabetização é percebida como um instrumento essencial na busca pela cidadania plena, destacando seu papel na promoção da participação ativa e informada dos indivíduos na sociedade. É preciso que ela saiba ainda, fazer uso dessa leitura e dessa escrita na sua vida. (Gontijo, 2023)

Para Soares e Batista, (2005, p. 24),

O termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica. O domínio dessa tecnologia envolve um conjunto de conhecimentos e procedimentos relacionados tanto ao funcionamento desse sistema de representação quanto às capacidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos de escrita (Soares e Batista, 2005, p. 24).

A autora destaca que o termo alfabetização vai além da simples aquisição da leitura e escrita, referindo-se ao ensino e aprendizado de uma tecnologia específica de representação da linguagem, no caso, a escrita

alfabético-ortográfica. Essa tecnologia implica não apenas compreender o funcionamento do sistema alfabético, mas também desenvolver habilidades motoras e cognitivas para manipular os instrumentos e equipamentos relacionados à escrita.

Assim, a alfabetização não se restringe à decodificação de letras e palavras, mas abrange um conjunto mais amplo de competências que incluem tanto o entendimento do sistema de representação quanto a habilidade prática de utilizar ferramentas de escrita. Essa compreensão reforça a ideia de que a alfabetização é um processo multifacetado que engloba conhecimentos teóricos e práticos, contribuindo para uma participação efetiva e crítica na sociedade letrada.

Para nosso estudo, adotaremos aqui a definição de alfabetização como sendo o processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e escrita. Ou seja, ao se referir à alfabetização, faremos referência a ler e escrever (Soares, 2009).

Para Soares (2009), o letramento não está condicionado apenas pelo fato de ler e escrever, mas, essencialmente, pelo uso eficaz da leitura e escrita em diversas situações sociais. Isso envolve a habilidade de aplicar essas competências em contextos práticos, como elaborar uma lista de compras no supermercado ou preencher uma ficha de isenção de imposto de renda, o que nos permite compreender que essa perspectiva ampliada de letramento vai além das habilidades básicas e destaca a importância de uma compreensão funcional e contextualizada da leitura e escrita na vida cotidiana. Assim, o letramento é visto como uma prática social integrada, na qual a habilidade de usar a linguagem escrita é aplicada de maneira significativa e relevante em diversos cenários, contribuindo para a participação efetiva e crítica dos indivíduos na sociedade.

Ferreira (2020) menciona que as crianças não aprendem a ler e escrever meramente pelo fato de codificar e decodificar as palavras, contudo leva-se em conta a participação dessa criança no contexto da leitura para uma ação de alfabetizar letrando. Deixando a forma mecanizada de aprender a ler e escrever, passando para uma outra dinâmica.

Definições Basilares do Transtorno do Espectro Autista (TEA)

O Transtorno do Espectro Autista – TEA é considerado um Transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits na comunicação e interação social: (a) limitação na reciprocidade socioemocional, (b) restrição na comunicação não verbal utilizados para a interação social e dificuldade nos relacionamentos; (c) padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades com prejuízos no funcionamento adaptativo. (DSM-5; American Psychiatric Association, 2014).

As pessoas autistas podem enfrentar desafios na distinção entre aquelas consideradas benevolentes e aquelas percebidas como mal-intencionadas. Em um breve contraste, Frith (1991) enfatiza que os indivíduos autistas tendem a interpretar o comportamento de maneira literal, enquanto, por outro lado, aqueles com mentalismo compulsivo tendem a não interpretar os comportamentos em si, mas sim a partir da perspectiva das intenções subjacentes a eles. Ao descrever os comportamentos de pessoas autistas, podem ser destacados aspectos como,

Ansiiedade, preocupação, nervosismo, medo intenso de pessoas, objetos ou situações, costume de andar na ponta dos pés, falta de atenção, perda da fala, tiques e manias nervosas, interesse intenso em coisas específicas, depressão. Esses são muitos dos comportamentos que uma criança pode apresentar; não é necessário demonstrar todos eles, mas em geral vários são perceptíveis, o que pode permitir um diagnóstico (Aggio; De Jesus, 2022, p. 181).

Dentre as características supracitadas, a tabela de referência do Ministério da Saúde (2014) apresenta alguns sinais precoces adicionais mais frequentemente associados a um diagnóstico posterior de autismo, como dificuldades no contato ocular, iniciativa em direcionar a atenção do parceiro, foco comum de interesse durante a interação social, coordenação de gestos com expressão facial e postura na comunicação, brincadeira simbólica reduzida ou ausente, comportamentos repetitivos ou ritualizados relacionados ao corpo: maneirismos e outros movimentos complexos, linguagem (ecolalia, rituais verbais), ações com objetos (gitar, enfileirar), alterações sensoriais (hipo ou hipersensibilidade a sons, luzes e movimento).

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) possui como características gerais para diagnóstico dois critérios: 1) os déficits de interações sociais e de comunicação; e 2) comportamentos repetitivos e interesses restritos (APA, 2013, 2014).

O DSM-5, ressalta as necessidades de suporte e atendimento, considerando 3 níveis de severidade do TEA:

Nível 1 – paciente necessita de suporte. Possui dificuldade de interação social inicial, além de possuir respostas atípicas ou falhas a interações sociais. A inflexibilidade apresentada interfere no seu funcionamento nesse e/ou em mais contextos. Nível 2 – requer apoio substancial (possui, por exemplo, acentuado déficit em aspectos não verbal e social. Apresenta dificuldade em iniciar interações, comportamento restritivo ou repetitivo); Nível 3 – requer apoio muito significativo. Apresenta, por exemplo, grave déficit social e não-verbal, inflexibilidade em mudanças, interferindo significativamente no funcionamento das atividades do paciente (Oliveira, 2017, p. 15).

Com todo os sinais do autismo diagnosticados, a pessoa com TEA necessita de apoio familiar nesse processo de identificação e superação de adversidades, nesse ínterim, Viana et al., (2020) destaca a importância do auxílio dos familiares na identificação do transtorno, bem como em todo o processo de superação de dificuldades posteriores ao diagnóstico e no enfrentamento das mudanças que serão vivenciadas em toda a rotina familiar.

Entre os sintomas e manifestações previamente mencionados, é crucial que os familiares também observem o comportamento verbal das pessoas autistas. Nesse sentido, as quais destacamos a seguir que

O comportamento verbal está relacionado com a comunicação e a interação, mas há outras formas de se comunicar no TEA, como as comunicações alternativas, por fichas, por exemplo. A função social da comunicação precisa ser definida para as nossos(as) filhos(as) e inicialmente eles vão perceber o quão agradável e útil é se comunicar quando essas habilidades forem reforçadas, inicialmente com ganhos arbitrários, como o próprio operante mando é reforçado com o acesso ao que foi pedido. Posterior, deve ocorrer a substituição de ganhos arbitrários por outros sociais, como elogios, agradecimentos, feedbacks positivos, entre outros (Oliveira, Grass e Bolsoni-Silva, 2024, p. 13).

Essa discussão destaca a importância do comportamento verbal no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando que a comunicação vai além da fala convencional. Ressalta ainda, que outras formas de comunicação, como as comunicações alternativas, desempenham um papel crucial. A ênfase recai na necessidade de definir a função social da comunicação para crianças com TEA, inicialmente utilizando reforços arbitrários, como o acesso ao que foi solicitado, para demonstrar a utilidade e agradabilidade da comunicação.

Isso sugere que com o tempo, esses reforços podem ser substituídos por ganhos sociais, como elogios, agradecimentos e informações positivas. Essa abordagem destaca a importância de adaptar estratégias de comunicação para atender às necessidades específicas de crianças com TEA, visando um desenvolvimento eficaz e significativo das habilidades comunicativas.

Em continuação ao comportamento verbal, no quadro 2 a seguir, há algumas indicações de como o indivíduo com TEA (transtorno do Espectro autista) se comporta em diversos contextos e ambientes em que está inserido e participando.

Quadro 2 - Comportamento verbal e a comunicação da pessoa com autismo

Comportamento verbal e comunicação	Descrição
Brincar independente	Corresponde aos comportamentos que envolvem o engajamento de maneira espontânea com comportamentos e itens que são legais e prazerosos;
Comportamento social e brincar	O brincar social envolve muitos outros comportamentos, como fazer pedidos, responder às interações, nomear itens, os quais estão definidos logo mais, e o prazer do brincar;
Comportamento verbal espontâneo	Corresponde aos balbucios, brincadeiras vocais, as quais são emitidos sons;
Ecoico	É compreendido a partir dos comportamentos de repetir o que se escuta;
Escrita	Corresponde ao comportamento de cópia da escrita e escrita espontânea, para ele, é preciso o reconhecimento de letras e a psicomotricidade fina;
Estrutura linguística	Nesse comportamento, compreende-se ler, escrever e soletrar palavras

Comportamento verbal e comunicação	Descrição
Imitação motora	Corresponde a copiar os movimentos motores (modelo) de uma outra pessoa;
Intraverbal	Corresponde aos repertórios de manutenção de uma conversação, desde responder perguntas, completar frases, ou fazer perguntas diante de outra fala;
Leitura	Corresponde a identificar a escrita, interpretar dica visual, e responder de maneira verbal;
Mando	Refere-se à habilidade de fazer pedidos, por algo ou retirada de algo;
Matemática	Corresponde ao reconhecimento dos números, contar e operações básicas;
Performance visual e emparelhamento com o modelo	Corresponde a parear estímulos visuais com um modelo, seja ele idêntico ou similar;
Responder de ouvinte	Corresponde aos comportamentos de seguir instruções verbais/auditivas, seja um mando ou não;
Responder de ouvinte por função, classe e características	Corresponde à discriminação e classificação de estímulos com base em suas características, função ou classe, o que contribui na ampliação de Rotinas de classe e habilidades de grupo. São os comportamentos e habilidades envolvidas em interações grupais. Nesse repertório, as habilidades sociais são desenvolvidas, além de outros repertórios verbais como a imitação de modelos, atividades de vida diária, entre outros;
Tato	O tato pode ser entendido como o repertório de nomear, identificar e descrever objetos, ações ou eventos.

Fonte: (Oliveira; Grassi; Bolsoni-Silva, 2024, p. 14-15).

É fundamental reconhecer a singularidade de cada pessoa com TEA, pois as características e comportamentos podem ser altamente individualizados, sendo que intervenções personalizadas e ambientes adaptados podem proporcionar um suporte mais eficaz para promover o bem-estar e a participação plena desses indivíduos em diversos contextos.

Entre outras características, a ausência de faz de conta, por exemplo, demonstra falha da fantasia como instrumento de elaboração das dificuldades que toda criança enfrenta ao crescer, tendo prejuízos na caracterização e formação do sujeito (Kupfer *et. al.*, 2009). Outros comportamentos de

sentimentos, atrasos no desenvolvimento são manifestações notáveis na pessoa com autismo. A família esteja atenta ao comportamento das crianças para que o diagnóstico seja feito o mais cedo possível e que os profissionais façam as melhores intervenções e tratamentos possíveis (Aggio; De Jesus, 2022).

A Teoria Histórico-Cultural e sua Relação com a Educação de Alunos Autistas

Para Vigotski, a complexidade da estrutura humana deriva do processo de desenvolvimento enraizado nas relações entre a história individual e a história social. Seus estudos têm relevância para reformulações na Educação, apontando um novo rumo na compreensão dos processos escolares e de aprendizagem, a partir do entendimento da realidade social educacional e do processo formativo do indivíduo sob o paradigma histórico-cultural. Antunes (2010) ressalta a contribuição fundamental de Vigotski e seus seguidores ao explorar a mente humana na elaboração da Teoria Histórico-cultural. Nestes termos, o autor enfatiza que,

Talvez a mais extraordinária revolução trazida pelo século XX para a educação tenha sido propiciada por Lev Vygotsky e seus discípulos russos ao pesquisar a mente humana mostrando que não mais se busca compreendê-la através de comportamentos, mas pela ação dos neurônios e suas sinapses, posto que os comportamentos são tímidas manifestações desta (Antunes, 2010, p. 7).

No trecho supracitado, os autores propuseram uma revolução ao investigar a mente humana, destacando que compreendê-la não deve se basear apenas em observar comportamentos, mas sim na compreensão da ação dos neurônios e suas sinapses. A ideia é que os comportamentos são manifestações limitadas e introvertidas desse complexo funcionamento neuronal. Essa perspectiva neurocientífica trouxe uma abordagem mais profunda e detalhada para entender o processo mental humano e influenciou significativamente a forma como a educação é abordada.

Segundo essa teoria, o progresso da mente humana envolve a aquisição das formas sociais de atividade historicamente desenvolvidas pela humanidade. Isso ocorre através do ensino de atividades efetivas do sujeito,

promovendo o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Essas funções capacitam o autocontrole e o autodomínio, sobrepujando as funções biológicas básicas.

No início do século XX, Vigotski buscava superar as práticas de ensino mecânico baseadas em concepções simplistas e nos paradigmas científicos da época. Seus estudos sobre defectologia revelam uma perspectiva única em relação às capacidades de aprendizado das crianças com deficiência. Enquanto algumas abordagens se concentravam na modificação do comportamento para alcançar a adaptação social, Vigotski enfatizava que o processo de ensino-aprendizagem para indivíduos deficientes, como no caso de aprendizes com autismo, deveria incorporar uma interação entre a ação pedagógica, cotidiano e formação de conceitos (Orrú, 2016).

Nessa visão, o professor atua como sujeito mais experiente que organiza o processo de ensino, não como detentor do conhecimento. Conforme Orrú (2016), é crucial que o professor utilize sua sensibilidade para perceber e reconhecer os significados vinculados aos conceitos que estão sendo construídos pelos alunos. Dessa forma, desde os conceitos mais básicos até os mais intrincados, o professor deve adotar como objetivo, a condição de que o aprendiz ultrapasse a postura passiva de mero receptor obediente.

Vigotski, Luria e Leontiev (1988) afirmam que um ensino bem organizado e conduzido ativa um conjunto de funções mentais que possibilitam a criança a desenvolver uma série de atividades. Portanto, ensino e aprendizagem são processos essenciais para o desenvolvimento das características psíquicas humanas na criança. Esses processos não devem ser mecanicistas, naturalizados e enciclopédicos, mas sim promover a reflexão, análise e síntese.

Conforme Vigotsky (1996), nas fases iniciais do crescimento da criança, suas atividades ganham um significado próprio em um sistema de comportamento social. Direcionadas a objetivos específicos, essas atividades são influenciadas pelo ambiente da criança. A interação entre a criança e o objeto ocorre com o auxílio de outra pessoa. Essa estrutura complexa é resultado de um processo de desenvolvimento profundamente vinculado às conexões entre a história individual e a história social.

A visão histórico-cultural de Vigotsky (1996), destaca a importância da participação do outro na formação do indivíduo em sua interação com o

mundo, sendo mediada por diversas ações. Nesse sentido, a relação tratada nesses dois aspectos trata da importância de que todos tenham a chance de interagir, sendo um ambiente propício para relações sociais altamente benéfico, independentemente da presença ou ausência de deficiências. A abordagem enfatiza a inclusão social e destaca que todos os indivíduos devem ter acesso a oportunidades de interação e desenvolvimento, independente de suas características específicas.

Na perspectiva comportamental, de acordo com Orrú (2010), alunos autistas compartilham uma sala de aula, utilizando seus colegas com autismo como referência social, enquanto o professor desempenha o papel de regulador comportamental, dando ênfase ao ambiente estruturado e à minimização de erros, enquanto que na abordagem histórico-cultural, as relações sociais e o ambiente são priorizados para o desenvolvimento do aluno autista. Neste contexto, o referencial social inclui colegas sem autismo, e o professor atua como mediador, facilitando transformações entre o aluno, o objeto de estudo e o mundo ao qual pertence. Essa abordagem considera a literatura científica sobre o autismo e os principais princípios da perspectiva histórico-cultural.

Baseando-se nas ideias de Vygotsky, é crucial ponderar sobre o processo educativo para alunos autistas. O professor deve compreender cada aluno, planejando intervenções pedagógicas que respeitem a singularidade deles, dado que as características dos autistas são particulares.

Assim, o professor deve considerar em sua atuação a relação entre a ação pedagógica, cotidiano e formação de conceitos para promover o desenvolvimento da linguagem, visto que ela desempenha um papel crucial na formação da consciência humana. Nesse sentido, o currículo precisa ser adaptado, com um planejamento individualizado que respeite as singularidades de cada estudante que recebe o Atendimento Educacional Especializado (AEE), conforme preconizado pelas Diretrizes Nacionais da Educação Especial na Educação Básica (Brasil, 2010) e a Resolução CNE/CEB no 4/2010, em seu Parágrafo 1o do Art. 29.

§ 1o Os sistemas de ensino devem matricular os estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, nas classes comuns do ensino regular Educacional Especializado (AEE), Atendimento complementar ou suplementar à escolarização

ofertada em sala de recursos multifuncionais ou em centros de AEE da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos (Brasil, 2010, p. 6).

Com isso, percebemos a urgente necessidade dos sistemas de ensino em matricular estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação em classes regulares. Além disso, propõe o oferecimento de Atendimento Educacional Especializado (AEE), que pode ser complementar ou suplementar à escolarização padrão, ocorrendo em salas de recursos multifuncionais ou centros de AEE, tanto em instituições públicas quanto em organizações comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos.

Ampliando a discussão, Alves (2017) afirma que é responsabilidade da escola, em conformidade com seu papel social, elaborar uma proposta pedagógica que leve em consideração as características dos alunos, tanto no ensino regular quanto na educação especial. Sugerindo isso, é aconselhável adaptar o currículo, incorporando metas de curto, médio e longo prazo, e assegurar a oferta de Atendimento Educacional Especializado (AEE) também para os estudantes autistas.

Nesse sentido, compreendemos integrar a pessoa com deficiência no cenário educacional requer uma reavaliação da abordagem pedagógica, envolvendo a elaboração de ações que facilitem a assimilação dos conhecimentos científicos acumulados ao longo da história da humanidade. Para alcançar esse objetivo, é fundamental identificar o percurso a ser seguido no processo de desenvolvimento. No âmbito dessa discussão, Vigotski (2010) enfatiza que

a aprendizagem não é, em si mesma, desenvolvimento, mas uma correta organização de aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental, ativa todo um grupo de processo de desenvolvimento, e esta ativação não poderia produzir-se sem aprendizagem. Por isso, a aprendizagem é um momento intrinsecamente necessário e universal para que se desenvolvam nas crianças essas características humanas não-naturais, mas formada historicamente (Vigotski 2010, p. 115).

O texto destaca a interligação entre aprendizagem e desenvolvimento na perspectiva de Vygotsky. Ele argumenta que a aprendizagem em si não

equivale ao desenvolvimento, mas a organização adequada do processo de aprendizagem em uma criança impulsiona o desenvolvimento mental. A ativação de diversos processos de desenvolvimento é desencadeada pela correta organização da aprendizagem, e essa ativação não ocorreria sem a aprendizagem. Assim, a aprendizagem é considerada um momento intrinsecamente necessário e universal para o desenvolvimento das características humanas nas crianças, características que não são inatas, mas sim formadas historicamente.

Metodologia - Análise de Pesquisas Produzidos à Luz da Teoria Histórico-Cultural

O presente estudo propõe uma metodologia estruturada para a realização de um levantamento bibliográfico que se concentra na análise de pesquisas produzidas sob a influência da Teoria Histórico-Cultural. Esta abordagem, desenvolvida por Vygotsky e seus colaboradores, oferece uma importante lente para compreender o desenvolvimento humano, especialmente no contexto educacional. O levantamento bibliográfico visa explorar como essa teoria tem sido aplicada em diversas pesquisas, identificando padrões, lacunas e contribuições significativas para o campo da educação.

Nesse sentido, apresentamos a seguir, os principais tópicos que delimitaram a metodologia de análise desse levantamento bibliográfico:

a) Definição do escopo:

A definição do escopo é um passo crucial no desenvolvimento da estratégia de busca de trabalhos acadêmicos relacionados ao tema, considerando que essa etapa é fundamental para estabelecer limites conceituais e temporais que garantam a relevância e a pertinência das fontes selecionadas. Nesse sentido, o primeiro passo consistiu na delimitação precisa da temática, sobre a qual nos propomos à realização de diversas ações, como a identificação de palavras-chave, conceitos-chave e a determinação de critérios de inclusão e exclusão, incluindo ainda, a delimitação temporal e conceitual para garantir a pertinência das fontes selecionadas.

b) Estratégia de busca:

A estratégia de busca de trabalhos acadêmicos relacionados ao tema “Alfabetização e Letramento do Aluno Autista à Luz da Teoria Histórico-Cultural” desempenhou um papel crucial na identificação de fontes relevantes e na construção de uma base sólida para a análise proposta. Desse modo, a identificação de palavras e conceitos-chave, compreendeu a escolha criteriosa de fontes de dados em bases acadêmicas, bibliotecas digitais e repositórios institucionais, orientando a busca de maneira a garantir a inclusão de trabalhos específicos e diretamente relacionados ao escopo do estudo. Paralelamente, foram desenvolvidos termos de busca específicos, combinando-os de maneira eficaz para assegurar uma busca abrangente e relevante.

c) Seleção e categorização de fontes:

A seleção e categorização de fontes constituem uma etapa crucial no processo de desenvolvimento da pesquisa, não apenas determinando quais materiais serão incluídos no estudo, mas também organiza essas fontes de maneira a facilitar a análise e interpretação posterior. Após a busca pelas pesquisas relacionadas ao tema Alfabetização e letramento do aluno autista à luz da teoria histórico cultural, as fontes foram selecionadas com base em critérios pré definidos e após isso, um processo de triagem foi implementado para eliminar duplicatas e garantir a consistência na escolha das fontes que foram selecionadas de acordo com temas, abordagens metodológicas e outros critérios relevantes.

d) Análise crítica das fontes:

A análise crítica das fontes desempenhou uma função essencial no processo de pesquisa sobre a temática em questão, especialmente após a seleção criteriosa desses materiais por meio da estratégia de busca previamente estabelecida. Nessa fase, o foco recaiu sobre a avaliação detalhada da qualidade metodológica e teórica das pesquisas selecionadas, onde cada fonte foi submetida a uma análise crítica, sobre a qual avaliamos a qualidade metodológica, a clareza na aplicação da teoria Histórico-cultural e a relevância para a temática em questão.

De acordo com esses critérios, a etapa buscou identificar padrões, tendências e contribuições específicas de cada pesquisa.

e) Síntese dos resultados:

A síntese dos resultados provenientes da estratégia de busca de trabalhos acadêmicos relacionados à temática proposta nesse estudo, representa um momento crucial no desenvolvimento da pesquisa, consolidando as descobertas e proporcionando uma visão abrangente das contribuições do corpo de literatura selecionado. Nessa etapa, busca-se destilar os principais achados, identificar padrões emergentes e explorar implicações práticas e teóricas relevantes.

Os resultados foram sistematicamente sintetizados, destacando os principais achados, conceitos e contribuições encontradas nas pesquisas analisadas. Esse processo de síntese permitiu uma visão consolidada do estado atual do conhecimento na interseção entre a Teoria Histórico-Cultural e a pesquisa educacional.

f) Discussão e implicações:

A discussão das estratégias de busca adotadas para pesquisas acadêmicas relacionadas ao tema desse artigo foi um fator essencial para compreender não apenas os resultados encontrados, mas também os desafios enfrentados e as implicações dessas escolhas metodológicas. Além disso, a reflexão sobre as estratégias de busca ofereceu resultados significativos para o estado atual da pesquisa na área e indicar possíveis direções futuras.

Os resultados encontrados nos possibilitaram uma reflexão crítica, nos estimulando a tecer abordagens e implicações sobre os aspectos observados de modo que possíveis lacunas na literatura foram identificadas, o que nos orientou um encaminhamento de sugestões para pesquisas futuras. Assim, essa etapa atingiu seu objetivo que era o de enriquecer a compreensão da aplicação da Teoria Histórico-Cultural na produção acadêmica.

g) Conclusão:

A conclusão deste levantamento bibliográfico, que se dedicou à análise de trabalhos acadêmicos relacionados ao tema “Alfabetização e Letramento

do Aluno Autista à Luz da Teoria Histórico-Cultural”, proporcionou uma visão consolidada das contribuições e tendências observadas no corpo de literatura examinado, de modo que ao longo deste processo, buscamos compreender a interação complexa entre os elementos da alfabetização e letramento em alunos autistas, explorando essa dinâmica à luz da Teoria Histórico-Cultural.

Essa dinâmica nos motivou a apontar sugestões para pesquisas futuras, considerando as lições aprendidas com as estratégias de busca utilizadas, sobre as quais foi possível nos aprofundar sobre a exploração de novas fontes de dados, refinamentos nos termos de busca de investigações de áreas específicas que ainda carecem de atenção acadêmica.

Em resumo, a conclusão das estratégias de busca ofereceu uma visão panorâmica do processo metodológico, destacando sucessos e desafios. Essa reflexão contribuiu não apenas para a validade interna do estudo, mas também para o avanço do campo de pesquisa, orientando futuros esforços na compreensão da alfabetização e letramento de alunos autistas à luz da Teoria Histórico-Cultural.

Ao adotar essa metodologia de levantamento bibliográfico, buscamos apresentar aos interessados na temática, uma análise abrangente e aprofundada das pesquisas produzidas à luz da Teoria Histórico-Cultural, contribuindo para o avanço do conhecimento nesse campo específico da educação.

Nesse contexto, a investigação foi conduzida mediante a seleção de palavras-chave específicas, sendo elas: teoria Histórico-cultural, Autismo, alfabetização e letramento, inclusão e Educação especial. Ao mergulharmos nesse escopo de estudo, buscamos compreender como esses elementos convergem, revelando observações valiosas para aprimorar práticas educacionais voltadas para crianças autistas no âmbito da educação especial.

Assim, elencamos 4 estudos datados do período de 2011 a 2017, sendo o primeiro na categoria de Tese de Doutorado, o segundo, sendo uma Dissertação de Mestrado, o terceiro sendo um Artigo científico e o quarto, caracterizado como uma dissertação de mestrado.

Para realizar o levantamento de busca, foram exploradas duas plataformas acadêmicas, o SciELO e o Catálogo de Teses & Dissertações da CAPES. A pesquisa foi conduzida utilizando palavras-chave específicas associadas a operadores booleanos “and” e “or”. As palavras-chave incluíram termos como:

teoria Histórico-cultural, Autismo, alfabetização e letramento, inclusão e Educação especial “and” possibilitou a busca por artigos que contemplassem simultaneamente todas as palavras-chave, refinando a seleção para estudos mais alinhados aos objetivos da pesquisa. Por outro lado, o uso do operador “or” ampliou a abrangência da busca, considerando variações e sinônimos das palavras-chave, enriquecendo assim a diversidade de resultados.

Os trabalhos foram selecionados de acordo com a abordagem Sócio-histórica tratada nesse estudo, de modo que analisamos cada uma das temáticas, conforme descrição a seguir:

Título 01: O papel da mediação³² da educadora no desenvolvimento da brincadeira de crianças com autismo na educação infantil: um estudo longitudinal - Este estudo longitudinal, ao ser analisado à luz da teoria histórico-cultural, pode oferecer insights sobre como a ação pedagógica ao longo do tempo impacta o desenvolvimento das brincadeiras de crianças autistas na fase inicial da educação, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada desse processo.

Título 02: Atividades escolares envolvendo alunos autistas na escola especial - Ao explorar as atividades escolares específicas para alunos autistas em ambientes de educação especial, um olhar sob a teoria histórico-cultural pode destacar a importância da ação pedagógica na adaptação dessas atividades para atender às necessidades dos alunos autistas, promovendo, assim, a alfabetização e o letramento.

Título 03: A mediação pedagógica no desenvolvimento do brincar da criança com autismo na educação infantil - Este título ressalta a mediação pedagógica no contexto do brincar de crianças autistas. Sob a perspectiva da teoria histórico-cultural, o artigo pode explorar como essa ação contribui para o desenvolvimento de habilidades e conhecimentos fundamentais, incluindo a alfabetização, durante as atividades lúdicas na educação infantil.

Título 04: Introdução ao Sistema de Numeração Decimal a Partir

³² Cabe aqui salientar que o conceito de mediação preconizado por Vygotsky (2010) está vinculado aos instrumentos e signos e não a figura do professor, uma vez que para a teoria Histórico-cultural o professor é o sujeito mais experiente que organiza o ensino e a mediação é feita pelos instrumentos e signos. Já nos trabalhos analisados neste estudo, nem sempre o termo mediação está de acordo com o proposto por Vygotsky, mas se apresentam vinculados as definições trazidas por teorias de base construtivistas e neopiagetianas.

de Um Software Livre: Um Olhar Sócio-Histórico Sobre os Fatores que Permeiam o Envolvimento e a Aprendizagem da Criança com TEA - Este título, embora aborde um tema mais específico, pode ser enriquecido por uma análise sob a ótica da teoria histórico-cultural. Pode explorar como a mediação pedagógica influencia a introdução ao sistema de numeração decimal, considerando os fatores sociais e históricos que permeiam o envolvimento e a aprendizagem da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

No quadro 3 a seguir, apresentamos os detalhes de cada um desses estudos, focando nos seus objetivos gerais e discussão:

Quadro 3 - Análise de pesquisas produzidos à luz da teoria Histórico-cultural

Título 1	O papel da mediação da educadora no desenvolvimento da brincadeira de crianças com autismo na educação infantil: um estudo longitudinal
Autor	SANTOS, Maucha Sifuentes dos
Tipo de pesquisa	Tese de Doutorado
Palavras-chave	Palavras-chave: Autismo; brincadeira; mediação; inclusão escolar; Educação Infantil.
Ano	2011
Objetivo geral e discussão	Esta pesquisa abrange três investigações, sendo que a primeiro teve como principal objetivo de forma crítica a literatura acerca da atividade lúdica no âmbito do autismo, discutindo os resultados à luz da teoria Histórico-cultural. A autora observou em sua busca por trabalhos na área, uma escassez de estudos sobre a brincadeira de crianças autistas no contexto brasileiro e que internacionalmente, há uma prevalência no exame do comprometimento da brincadeira simbólica, negligenciando uma compreensão mais aprofundada das manifestações lúdicas que a criança autista pode apresentar. Em decorrência disso, delineou-se um segundo estudo teórico para abordar a função do educador na inclusão de crianças autistas, utilizando o conceito de mediação como ponto central. Concluiu-se que são imprescindíveis pesquisas que investiguem quais estratégias de mediação são mais eficazes na inclusão de crianças autistas. Assim, o terceiro estudo visou examinar a influência da mediação do educador na complexidade das atividades lúdicas apresentadas por crianças autistas na Educação Infantil, em contexto de inclusão.
Título 2	Atividades escolares envolvendo alunos autistas na escola especial
Autor	BRAGIN, Josiane Maria Bonatto

Ano	2011
Tipo de pesquisa	Dissertação de Mestrado
Palavras-chave	Autismo. Atividades educacionais. Abordagem histórico-cultural.
Objetivo geral e discussão	<p>Pesquisa embasada na abordagem histórico-cultural que busca compreender as experiências oferecidas aos estudantes diagnosticados com Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (autismo) nas práticas educativas vigentes. O objetivo é analisar as concepções que direcionam tais práticas e explorar potenciais alternativas de educação para esses alunos. Além disso, procura-se identificar maneiras de aprimorar as abordagens educacionais, considerando as necessidades específicas desse grupo. Nesse sentido, o estudo pretende fornecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias mais inclusivas e eficazes, promovendo uma reflexão crítica sobre as atuais práticas pedagógicas. A pesquisa busca não apenas compreender o cenário educacional para estudantes autistas, mas também contribuir para a construção de um ambiente escolar mais adaptado e acolhedor. Dessa forma, visa-se estabelecer bases para a promoção do desenvolvimento integral desses alunos, levando em consideração suas singularidades e estimulando a participação ativa no processo educacional.</p>
Título 3	A mediação pedagógica no desenvolvimento do brincar da criança com autismo na educação infantil
Autor	CHIOTE, Fernanda de Araújo Binatti
Ano	2012
Tipo de pesquisa	Artigo científico
Palavras-chave	Criança com autismo. Mediação pedagógica. Brincar. Educação Infantil.
Objetivo geral e discussão	<p>O propósito é examinar o papel da mediação pedagógica no progresso do brincar da criança autista na educação infantil, levando em conta que a atividade lúdica não é inata à criança. A abordagem histórico-cultural serve como a base teórica e metodológica, conforme os estudos de Vigotski (1997, 2007). A conclusão da autora é que, diante das peculiaridades da criança autista e, de fato, de qualquer criança, as oportunidades de desenvolvimento não são preestabelecidas, mas sim emergem em situações concretas onde suas potencialidades se expressam de alguma maneira. Assim, a pesquisa busca aprofundar a compreensão sobre como a mediação pedagógica pode ser otimizada para favorecer o desenvolvimento do brincar na infância autista.</p>

Título 4	Introduções Ao Sistema de Numeração Decimal A Partir De Um Software Livre: Um Olhar Sócio-Histórico Sobre os Fatores que Permeiam o Envolvimento e a Aprendizagem da Criança Com TEA
Autor	Do Nascimento. Ieda Clara Queiroz Silva
Ano	2017
Tipo de pesquisa	Dissertação de Mestrado
Palavras-chave	Ciclo de alfabetização. Autismo. Educação Matemática e TI. Teoria Sócio-histórica.
Objetivo geral e discussão	A pesquisa visa examinar, com base na teoria histórico-cultural, a brincadeira mediada em crianças autistas, visando o desenvolvimento socio-cognitivo. O estudo foi dividido em três fases. Inicialmente, por meio de uma revisão bibliográfica, buscou-se informações sobre a brincadeira no contexto do autismo. Nesse contexto, a autora observou uma falta de produções brasileiras e uma ênfase internacional na brincadeira simbólica. Isso conduziu a uma segunda fase teórica, concentrada na inclusão de crianças autistas por meio da mediação. Diante disso, a autora identificou a importância de considerar estratégias de mediação que promovam a inclusão. Na terceira etapa, a pesquisa partiu dessa necessidade, com a autora conduzindo investigações com duas crianças autistas na Educação Infantil em escolas regulares. Os resultados indicaram que a inclusão contribui para o avanço das crianças autistas no que diz respeito ao brincar. Os resultados destacam a importância de se pensar estratégias pedagógicas que promovam uma inclusão efetiva, reconhecendo as potencialidades individuais de cada criança autista. Este estudo, portanto, contribui não apenas para a compreensão da brincadeira mediada no contexto do autismo, mas também para a construção de práticas inclusivas que fortaleçam o desenvolvimento sociocognitivo das crianças autistas na Educação Infantil.

Fonte: organização dos autores/2024

Esse conjunto de estudos contribuiu de maneira significativa para a melhor compreensão da pesquisa que propomos, abordando a Alfabetização e letramento do aluno autista sob a ótica da teoria histórico-cultural, de modo que O estudo longitudinal sobre o papel da mediação da educadora no desenvolvimento das brincadeiras de crianças autistas na educação infantil, nos proporcionou uma compreensão abrangente de como a intervenção pedagógica ao longo do tempo impacta o desenvolvimento dessas crianças, influenciando indiretamente seus processos de alfabetização e letramento.

A pesquisa sobre atividades escolares em ambientes de educação especial pode fornecer valiosas considerações sobre como adaptar práticas pedagógicas, mediadas historicamente, para atender às necessidades específicas de alunos autistas, promovendo sua alfabetização de maneira eficaz.

O estudo sobre a mediação pedagógica no desenvolvimento do brincar de crianças autistas na educação infantil destaca a importância dessa mediação em contextos lúdicos, fornecendo uma perspectiva única sobre como esse aspecto pode contribuir para os processos de letramento. Já a investigação sobre a introdução ao sistema de numeração decimal por meio de um software livre, sob um olhar sócio-histórico em relação aos fatores que permeiam o envolvimento e a aprendizagem da criança com TEA, oferece uma abordagem específica que pode enriquecer a compreensão das estratégias de ensino mediadas pela teoria histórico-cultural nesse contexto específico de alfabetização e letramento para crianças autistas.

Resultados e Discussões

Os resultados e discussões desta pesquisa proporcionaram uma visão abrangente sobre a alfabetização, letramento e aprendizagem de alunos autistas, considerando a aplicação da teoria Histórico-Cultural como uma lente teórica fundamental para compreender e aprimorar os processos educacionais. A questão problematizadora que guiou este estudo se destacou pela preocupação central na pesquisa educacional, promovendo uma análise profunda sobre como uma abordagem teórica específica pode influenciar positivamente o processo de alfabetização de alunos autistas e assim, desvelou resultados significativos e provocou discussões pertinentes.

Sobre o foco nas características específicas dos alunos autistas, A ênfase na consideração das características específicas dos alunos autistas reflete a compreensão da singularidade desse grupo. A Teoria Histórico-Cultural, ao ser aplicada, precisa ser adaptada para atender às necessidades individuais, respeitando as características cognitivas, sensoriais e sociais dos alunos autistas.

A respeito do potencial transformador da abordagem Histórico-Cultural, inferimos que a teoria demonstrou um potencial transformador na prática de alfabetização, que pode ser vinculado à ênfase na vivência social, na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e na internalização de

conhecimento, elementos que podem ser particularmente relevantes para alunos autistas, contribuindo para um ambiente educacional mais inclusivo.

Sobre as perspectivas oferecidas pela teoria no contexto educacional, observamos que indicam um olhar amplo sobre como a teoria abordada nesse estudo contribuiu para o contexto educacional como um todo. Isso não se limita apenas à alfabetização, mas sugere uma influência mais ampla no ambiente escolar, incluindo aspectos sociais, emocionais e interativos.

A partir dessa dinâmica foi possível compreender que a questão problematizadora ofereceu um ponto de partida sólido para investigar como teorias educacionais específicas, como a Teoria Histórico-Cultural, podem ser efetivamente traduzidas e aplicadas para melhorar a experiência educacional de alunos autistas, contribuindo para o enriquecimento da prática pedagógica inclusiva.

Considerações Finais

Partindo do objetivo geral de investigar a alfabetização, letramento e aprendizagem de alunos autistas, explorando como a Teoria Histórico-Cultural poderia influenciar e contribuir para esses processos educacionais, inferimos que essa perspectiva pode ser percebida a partir de uma perspectiva enriquecedora que busca compreender e aprimorar esses processos educacionais específicos, visto que a teoria Histórico-cultural, desenvolvida por Vygotsky e seus colaboradores, propõe uma visão interativa e sociocultural do desenvolvimento humano, destacando a importância da interação social, da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e da internalização de conhecimento.

No contexto da alfabetização, a referida teoria destaca a relevância da interação social para o processo de aprendizagem, observando o fato de que, para os alunos autistas, essa interação assume um papel crucial, uma vez que pode ocorrer por meio de interações personalizadas, adaptadas às necessidades específicas de cada estudante. A ZDP, conceito central na teoria, permite a identificação das capacidades e habilidades que um aluno pode desenvolver com apoio de um sujeito mais experiente, direcionando a prática pedagógica para um ensino mais ajustado ao nível de desenvolvimento individual.

A individualização das estratégias pedagógicas é outro aspecto enfatizado por essa abordagem, promovendo a adaptação de métodos de ensino de acordo com as características únicas de cada aluno autista e ela reconhece a

diversidade de estilos de aprendizagem e preferências individuais, permitindo a criação de ambientes educacionais mais inclusivos e acessíveis.

Esse estudo nos possibilitou perceber que a importância da apropriação do conhecimento enfatiza não apenas a aquisição de habilidades, mas a capacidade do aluno de aplicar essas habilidades de maneira independente. Para alunos autistas, esse processo pode ser facilitado por meio de estratégias que promovem a repetição estruturada, o uso de recursos visuais e a criação de conexões significativas entre os conceitos, proporcionando uma aprendizagem mais consolidada.

No que diz respeito ao letramento, a teoria Histórico-Cultural ampliou nosso conhecimento, ao abordar não apenas a decodificação de símbolos, mas também a compreensão mais ampla das práticas sociais envolvidas na leitura e na escrita e quando direcionamos essa observação para o público alvo dessa pesquisa, isso implicou em uma abordagem que considerou não apenas a dimensão técnica, mas também a aplicação prática dessas habilidades em contextos do cotidiano, promovendo uma aprendizagem mais significativa e funcional.

A teoria Histórico-Cultural teve uma influência significativa na prática pedagógica relacionada à alfabetização, letramento e aprendizagem de alunos autistas tratadas nesse estudo. Sua adaptabilidade e flexibilidade proporcionaram uma base sólida para o desenvolvimento educacional desses estudantes, levando à promoção efetiva da educação inclusiva. Este estudo destaca a Teoria Histórico-Cultural como uma ferramenta teórica valiosa, moldando práticas educacionais que não apenas buscam ensinar, mas também compreender e apoiar o desenvolvimento integral dos alunos autistas, ao valorizar a diversidade em ambientes educacionais.

Referências

AGGIO, Marina Toscano; DE JESUS, Luciano Bussolaro. Benefícios da atividade física para crianças com TEA-Transtorno do Espectro Autista. **Caderno Intersaberes**, v. 11, n. 31, p. 177-188, 2022.

ALVES, Veronice S. **Altas Habilidades/Superdotação na Rede Pública Municipal de Cascavel: Uma análise na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural**. 2017. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2017.

ANTUNES, C. **Vygotsky, quem diria?!**: em minha sala de aula. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Na sala de aula; 12). American Psychiatric Association. Manual diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais. **DSM-5**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2014.

BRASIL. Lei nº 11.274, 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases para a educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 7 fev. 2006.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996

BRASIL. Sef/Mec. **Parâmetros curriculares nacionais; língua portuguesa - 5a. a 8 a. série**. Brasília: Sef/Mec, 1998.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em: 13 fev. 2024.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). Prevalência de Transtorno do Espectro do Autismo entre Crianças de 8 anos - Rede de Monitoramento de Deficiências de Desenvolvimento e Autismo, **11 Sites**, Estados Unidos, 2016.

COLELLO, Silvia M. Gasparian. Alfabetização e letramento: repensando o ensino da língua escrita. **Videtur**, v. 29, n. 43-52, p. 25-30, 2004.

FERREIRA, Valéria et al. Alfabetização e letramento: utilização dos métodos no processo de alfabetização e letramento dos alunos nos anos iniciais. **Revista Facimp-Empowerment**, v. 1, n. 1, p. 90-101, 2020.

KANNER L. Autistic disturbances of affective contact. *Nerv Child*. 1943; 2:217-50. *Acta Paedopsychiatr*, n. 35, v.4, p.100-36, 1968. In: KLIN, A. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, supl. 1, p. s3-s11, 2006.

KUPFER, M. C. M., *et. al.*. Valor preditivo de indicadores clínicos de risco para o desenvolvimento infantil: Um estudo a partir da teoria psicanalítica. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology. Online*, 6(1), 48-68, 2009.

LURIA, A. R. O desenvolvimento da escrita na criança. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A.R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, p.143-189, 1988.

Ministério da Saúde. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília, DF: Autor. 2014.

ORRÚ, Sílvia Ester. Contribuições da abordagem histórico-cultural na educação de alunos autistas. **Humanidades Médicas**. Sep-Dic 2010; volumen 10, número 3.

ORRÚ, S.E. **Aprendizes com autismo: Aprendizagens por eixos de interesse em espaços não excludentes**. Petrópolis: Vozes, 2016.

SOARES, Magda. **Letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, p.33, 1998.

SOARES, Magda **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SOARES, Magda; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

OLIVEIRA B. D. C., et al. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. *Revista de Saúde Coletiva*, v.27, n.3, p. 707-726, 2017.

OLIVEIRA, Taize de; GRASSI, Maria Fernanda; BOLSONI-SILVA, Alessandra Turini. **Práticas Educativas a Responsáveis por Crianças e Adolescentes com Transtorno do Espectro Autista - TEA**. Curitiba: Juruá, 2024.

VYGOTSKII, L.S. Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar. In. VYGOTSKII, L.S, LURIA, A.R.; A.N. *Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem*. Tradução de: Maria Pena Villalobos. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010, p.103-117.